

Guerras culturais e música pop

Anitta, Ludmilla e Pablo Vittar na mira da extrema-direita

RAFAEL ZINCONE

*Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil*

ID 3017

Recebido em
22.02.2024

Aceito em
16.01.2025

Este artigo aborda a cultura pop como força mobilizadora de debates de ordem política no momento de ascensão da extrema-direita no Brasil. Assim, o objetivo é investigar de que modo esses discursos difamatórios mobilizaram, de um lado, valores sociais reacionários e, de outro, como cantoras pop constituíram vetores de reflexão na esfera política a partir de seus posicionamentos nas redes sociais digitais. Empiricamente, apresenta uma pesquisa on-line de caráter qualitativo envolvendo controvérsias em redes sociais digitais referentes às artistas supracitadas e ao agravamento da polarização política nos últimos anos.

Palavras-chave: Cultura pop. Guerras culturais. Extrema-direita. Ativismo político. Controvérsias.

Culture Wars and Pop Music: Anitta, Ludmilla and Pablo Vittar Targeted by the Far Right

This article is about pop culture as a mobilizing force for political debates at the time of the rise of the extreme right in Brazil. Thus, the objective of this paper is to investigate how these defamatory speeches mobilized, on the one hand, reactionary social values and, on the other, how pop singers constituted elements of political reflection in the public sphere based on their positions on digital social networks. Empirically, it presents qualitative online research involving controversies on digital social networks regarding these artists and the worsening of political polarization in recent years.

Keywords: Pop culture. Culture wars. Far right. Political activism. Controversies.

Guerras culturales y música pop: Anitta, Ludmilla y Pablo Vittar en la mira de la extrema derecha

Este artículo aborda la cultura pop como fuerza mobilizadora de debates políticos en el momento del ascenso de la extrema derecha en Brasil. Así, el objetivo es investigar cómo estos discursos difamatorios movilizaron, por un lado, valores sociales reaccionarios y, por otro, cómo las cantantes pop constituyeron vectores de reflexión en el ámbito político a partir de sus posiciones en las redes sociales digitales. Empíricamente, presenta una investigación cualitativa en línea que involucra controversias en las redes sociales digitales sobre los artistas antes mencionados y el agravamiento de la polarización política en los últimos años.

Palabras clave: Cultura pop. Guerras culturales. Extrema derecha. Activismo político. Controversias.

Rafael **ZINCONE**

Doutor em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PPGCOM/PUC-Rio). Bacharel em Economia e mestre em Mídia e Cotidiano pela Universidade Federal Fluminense (PPGMC/UFF). Pesquisador e colaborador dos grupos de pesquisa Musilab (UFF) e Grecos (UFF). Concentra suas pesquisas em Economia Política da Cultura, nos Estudos de Som e Música e na interface entre Economia, Política e Estéticas Musicais.

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro,
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: rafaelzincone@gmail.com

ORCID



Introdução

Em *Limites da democracia*, o cientista político Marcos Nobre (2022) propôs-se a entender a radical mudança ocorrida com o uso da palavra *polarização*. Conforme o autor, o que começou-se a chamar de polarização no início dos anos 2000 nada tem a ver com o significado da palavra posterior a 2018. Nem PT nem PSDB – representantes dos “dois polos” da política brasileira à época – ameaçaram a democracia. Contudo, a eleição de Jair Bolsonaro em 2019 levou o país a uma situação de “emergência democrática duradoura” (Nobre, 2022, p. 11) com a extrema-direita no poder. Mais do que um líder antissistema, Bolsonaro se considerava líder de uma revolta conservadora, associando suas posições à extrema-direita com a defesa de “tudo que é ético e decente”, e identificando à esquerda “tudo que considera corrupto ou considera corrompido” (Nobre, 2022, p. 21) dos pontos de vista moral e comportamental.

Mesmo antes de sua chegada ao poder, entretanto, assistiu-se a um aumento substancial de manifestações de ruade cunho conservador (Codato; Bolognesi; Roeder, 2015) e motivadas por questões comportamentais (Tatagiba; Trindade; Teixeira, 2015). Se anteriormente protestos de rua capitaneados por setores políticos à direita pautavam-se por temas como corrupção e denúncias de mau uso da máquina pública, o eixo das manifestações mudou substancialmente no contexto posterior a 2016. Dirigindo atenção às pautas das artes, da cultura e da música, diversas manifestações passavam a, por exemplo, pedir a suspensão da exposição Queermuseum, em Porto Alegre, advogar contra a alardeada “ideologia de gênero” em escolas e universidades e militar a favor do projeto Escola sem Partido (Meireles, 2019).

Em meio à pauta moral e comportamental, diversas *fake news* difundidas sobre políticos opositores a Jair Bolsonaro, em especial Fernando Haddad e aliados, não pouparam ícones da música pop, especialmente Pabllo Vittar. Neste artigo, portanto, questiona-se *a priori* o que alguns ícones da cultura pop, do *show business* (sem quaisquer traços de militância política organizada) teriam para incomodar tanto aquela agenda de governo. Em um segundo momento, busca-se investigar qual de fato é a narrativa de artistas como Anitta, Ludmilla e Pabllo Vittar a respeito do governo Bolsonaro e do momento de sua eleição. Em seguida, questiona-se potências e limites das manifestações públicas dessas celebridades considerando os lugares que ocupam no mercado musical e um contexto político de maior ofensiva da extrema-direita.

Aqui, arrisca-se a hipótese de que, em um contexto de país novamente marcado pela polarização política, a moral privada e íntima de cidadãos à frente de um poder central busca inibir diversas formas de *ser* e de *significar* (Hall, 2003; Bhabha, 1998) em espaços públicos. Nesse artigo, esboça-se a ideia de que ataques da extrema-direita a ícones da cultura pop demonstram a força da cultura como vetor de debates ideológicos e políticos.

A pesquisa na qual se baseia a presente discussão foi realizada inteiramente on-line, tendo em vista não somente a paisagem digital bolsonarista que se adensou desde as eleições de 2018, mas também a convocação/mobilização de figuras do entretenimento musical por parte de figuras públicas ligadas ao então presidente Jair Bolsonaro. Dentro do contexto brasileiro, a investigação reúne discussões conceituais sobre guerras culturais e a cultura pop como forma de ativismo. Empiricamente, faz-se uma análise de caráter inicialmente exploratória e posteriormente interpretativa a respeito das *controvérsias* (Latour, 2012; Sã, 2014) que emulam as tensões entre figuras políticas de extrema-direita e as celebridades da música pop brasileira em questão aqui.

O trabalho foi, portanto, organizado em três seções. A primeira seção apresenta uma reflexão conceitual envolvendo *conspiracionismos* (Mahl; Schäfer; Zeng, 2022) e *guerras culturais* (Hunter, 1991) que constitui a base para a análise discursiva do conteúdo digital coletado. A segunda seção discute, a partir dos casos das cantoras Anitta, Ludmilla e Pabllo Vittar, potencialidades da cultura pop em um contexto de escalada autoritária no ambiente político brasileiro. Na última parte, finalmente, chega-se à análise empírica do objeto envolvendo embates entre políticos bolsonaristas e as artistas em redes sociais digitais.

Guerras culturais em um contexto de ascensão neofascista

Dentro do campo conservador, um exemplo notório de narrativas conspiratórias no Brasil é o termo *marxismo cultural*, difundido e propagado localmente por Olavo de Carvalho e seus discípulos, tendo se originado de um artigo publicado pelo autor estadunidense Michael Minnicino, em 1992, com o título “A nova idade das trevas: a Escola de Frankfurt e o ‘politicamente correto’”. Esse texto foi a fonte inicial da conspiração frequentemente mobilizada pelo conservadorismo contra valores progressistas – ou, como denominam, contra o “progressismo politicamente correto” (Ortellado; Silva, 2022, p. 17). Buscam, a partir dessa narrativa, explicar o porquê de ambientes como universidades, meios de comunicação e as artes reproduzirem valores a serem “instrumentalizados pelo progressismo cultural” (Ortellado; Silva, 2022, p. 17).

A alegação de acadêmicos e de grupos políticos conservadores/reacionários era de que a Nova Esquerda teria se organizado a partir da Escola de Frankfurt, substituindo a luta política – em termos partidários e sindicais, por exemplo – por uma luta cultural. Olavo de Carvalho denominou esse fenômeno como *gramscismo cultural*, isto é, a construção de uma suposta hegemonia cultural da esquerda fundada hipoteticamente na estratégia de empreender primeiramente uma “revolução da mente” para fins de uma “revolução política” (Carvalho, 1994, p. 14). Conforme Erick Felinto (2020, p. 2-3), Carvalho utilizou das mesmas técnicas de construção de hegemonia que acusa na esquerda para a construção de uma mentalidade de direita reativa. Nessa linha de pensamento, movimentos identitários que defendem a representatividade em obras de arte – como os feministas, negros e LGBTQIAPN+ – seriam agentes de um suposto marxismo cultural, ainda que não tenham nada de marxismo. Por meio dele, confrontariam, supostamente, a família nuclear cristã sendo apologistas daquilo que grupos reacionários denominam de “moral sexual degenerada” (Felinto, 2020, p. 2-3). Comumente, o fenômeno da guerra cultural aciona valores em torno de raça, sexualidades e comportamentos usando o pânico moral como arma (Hunter, 1991; Cesarino, 2020; 2022; Rocha, 2021; Lynch; Cassimiro, 2022).

Se antes conspirações em torno da ideia de marxismo cultural eram pautas exclusivas de grupos de direita dos Estados Unidos nos anos 1990 (Hunter, 1991), com a eleição de Jair Bolsonaro tal expressão ganhou centralidade dentro da burocracia do Estado brasileiro. A nomeação do colombiano Ricardo Vélez Rodríguez como Ministro da Educação se constituiu um exemplo imediato disso. Indicado à época por Olavo de Carvalho, Rodríguez defendia como objetivo principal da pasta o combate ao marxismo cultural, exaltando instituições como a família e a Igreja (Saldaña, 2019). Um efeito direto no campo da cultura foi a definitiva extinção do Ministério da Cultura, cujas principais atribuições anteriores diziam respeito a políticas de incentivo. Com seu fim, as pautas da cultura ficaram a cargo do então inaugurado Ministério da Cidadania, que, em suas primeiras demonstrações públicas, priorizou políticas ligadas à regulação e à fiscalização – o que, de algum modo, alude às políticas de censura de outrora. Em outras palavras, tornaram-se frequentes ações de restrição a projetos culturais que não condissessem com o lema governista evocando moral, família tradicional e valores cristãos (Freitas; Targino; Granato, 2021).

Na análise que desenvolvem sobre o “populismo reacionário” de Bolsonaro, Christian Lynch e Paulo Cassimiro (2022) destacam a centralidade de um grupo específico dentro do governo em questão, responsável pela difusão narrativa de uma cultura política reacionária e autoritária.¹ Esse núcleo duro denominado pelos autores como “núcleo reacionário radical” dominou um número considerável de ministérios, como o das Relações Exteriores, o do Meio Ambiente, o dos Direitos Humanos, o da Comunicação, o da Educação e o da Cultura. Conforme os autores, a função desses ministérios passava menos por administrar do que por

01 Segundo tal cultura, a sociedade brasileira teria por base uma ordem social “natural” e harmônica, de índole cristã e patriarcal, garantida por pais de família viris e responsáveis pelo provimento de obedientes esposas e filhos (Lynch; Cassimiro, 2022, p. 71).

propagar a doutrina autoritária do então chefe de Estado e, sobretudo, dar visibilidade à guerra cultural contra o “comunismo”, provocando polêmicas deliberadamente. Nessa linha, a guerra cultural é também baseada em diversas técnicas desenvolvidas por Steve Bannon para promover a permanente intimidação dos críticos e das instituições.

Sob a lógica que permeia as políticas de combate ao marxismo cultural, por exemplo, é possível ler em *blogs* alinhados a essas autoridades relatos conspiratórios que associam o termo a grandes expoentes da cultura pop nacional². Segundo Daniela Mahl, Mike Schäfer e Jing Zeng (2022, p. 17, tradução minha), conspiracionismos seriam “explicações epistemológicas singulares que refutam explicações oficiais e oferecem, em seu lugar, explicações alternativas para eventos ou práticas que envolvem indivíduos ou grupos que agem em segredo”³. A respeito disso, Letícia Cesarino (2022, p. 230) sublinha que a internet não cria nada totalmente novo: “[...] *conspiracionismos* são bem difundidos no espaço e no tempo, e tipicamente se associam a contextos de crise e dissonância, onde trabalham ao mesmo tempo o sintoma e a cura”. A antropóloga, assim, lembra que processos desse tipo, em contextos históricos distintos, ganharam espaço em momentos de rápido desenvolvimento tecnológico e/ou eventos de crise e revolução. No caso, tratava-se de ideias conspiratórias afinadas com um tradicionalismo idealista e redentor, capitaneadas e propagadas por grupos reacionários.

Em seu célebre *Psicologia de massas do fascismo*, Wilhelm Reich buscou de modo pioneiro examinar elementos que a reação cultural de grupos de direita fascista ressaltava no contexto dos anos 1930 e 1940: “[...] se ela dá importância, não é por acaso ou como meio de ‘distrair’ a atenção” (Reich, 2001, p. 116). No contexto do fascismo clássico, *bolchevismo cultural* era um termo de guerra criado pelos nazistas que alertava a família alemã “contra os efeitos pretensamente destruidores da igualdade de gênero e do desencantamento comunista de família” (Safatle, 2023, [s.p.]). Conforme Reich, o bolchevismo cultural e o bolchevismo sexual eram tópicos maiores da mobilização nazista naquele contexto.

Fica evidente que o desabono da extrema-direita com as artes e a produção cultural não é algo exatamente novo na história. Não surpreende, assim, que mesmo sob *forma comercial de cultura* (Kellner, 2001), a música, a performance e todo o repertório pop de Anitta, Ludmilla e Pablló Vittar ganhem também atribuições negativas por parte desses grupos. Assim, o raciocínio por detrás das mobilizações da extrema-direita frente à cultura é de que aquilo que concebem como “ordem natural da sociedade” viria sendo solapado por uma referida elite política cosmopolita “comunista”, por meio de seus representantes intelectuais – artistas, inclusive – instalados nos aparelhos estatais e midiáticos (Lynch; Cassimiro, 2022). Portanto, ainda que a cultura pop se adegue a padrões estéticos visando um mínimo denominador comum do mercado (Kellner, 2001) ou uma padronização estética para fins lucrativos, aposta-se nela, dentro dessa reflexão, como ágora de microrresistências em torno das subjetividades.

Segue-se Douglas Kellner (2001) na ideia de que a cultura da mídia apresenta brechas e fissuras em suas estruturas mercadológicas que possibilitam, também, narrativas contra-hegemônicas – ainda que em menor proporção. Em outras palavras, isso equivaleria a dizer que, mesmo dentro de um setor *mainstream* de produção industrial, é possível disputar o direito a *significar* e construir sentidos, por vezes, antitéticos com relação a padrões culturais e sociais estabelecidos. Como bem ensinou Stuart Hall (2003), cultura é mais do que um acervo descritivo de modos de vida, mas principalmente uma arena de disputas pelo di-

⁰² Exemplo disso é uma matéria postada no site *Conexão Política*, endereço eletrônico alinhado às ideias de Olavo de Carvalho, que associa as artistas Anitta, Ludmilla e Pablló Vittar ao “marxismo cultural”. Entre diversos trechos da publicação, destaca-se o trecho: “O sistema pode ter escolhido especificamente os seus representantes no Brasil para difundir a agenda marxista”; “Anitta representaria a pauta do feminismo; Ludmilla à [sic] bandeira contra o racismo e o Pablló Vittar a figura da agenda LGBT” (A teoria..., 2018, [s.p.]).

⁰³ No original: “unique epistemological accounts that refute official accounts and instead propose alternative explanations of events or practices by referring to individuals or groups acting in secret”.

reito de significar. Homi Bhabha (1998) igualmente sugere que a cultura é um espaço de conflito em que as identidades são moldadas por práticas híbridas que desafiam noções fixas de pertencimento. Nesse sentido, os sujeitos da cultura – como as artistas pop aqui em evidência – são historicamente posicionados considerando recortes interseccionais de gênero, raça, classe, sexualidade, dentre outras variáveis. Ademais, sentidos e narrativas presentes em suas estéticas e posicionamentos não são dados nem fixos, estão em disputa permanente (Oliveira; Enne; Castro, 2019).

Cultura pop como ágora política?

Com uma fortuna estimada em 500 milhões de reais, Anitta emplacou megahits no Spotify e foi indicada a grandes prêmios como o Grammy Awards, o Grammy Latino e o American Music Awards. Ademais, a artista construiu uma notória carreira empresarial para além do mercado musical: atualmente é sócia da Fazenda Futuro, embaixadora global do Nubank, mantém contratos publicitários com marcas como Rexona, Claro, Adidas (a nível global), Samsung, Shein (a nível global), Lay's (nos EUA), Dolce & Gabbana Maquiagem (a nível global), além de comandar a área de criatividade da marca Beats, de propriedade da Ambev (Assis, 2023). Gravou também com estrelas internacionais, como Madonna.

Ludmilla Oliveira da Silva, então MC Beyoncé, no ano de 2012 deu um passo decisivo quando apostou na música “Fala mal de mim” com o empresário e cantor MC Roba. Com mais de dez anos de carreira, Ludmilla alcançou visibilidade e sucesso comercial para além do funk – tal como Anitta, inclusive, Ludmilla gravou com artistas do *show business* internacional, como Snoop Dogg e Card B (Ferreira, 2022). Em 2020, Ludmilla tornou-se a primeira mulher negra latina com 1 bilhão de *streams* no Spotify (Ludmilla..., 2020) e a mais transmitida no YouTube em 2022, conquistando também um Grammy Latino com o álbum *Numanice* (Pasin, 2022). Consolidou, então, seu *status* como artista de destaque inclusive internacional, com 15 milhões de ouvintes na mesma plataforma em 2023 (Tolentino, 2023).

A cantora *drag queen* Pabllo Vittar, por sua vez, destacou-se também como grande sucesso musical e comercial. Em 2018, enquanto 49.275.360 brasileiros iam às urnas votar em Jair Bolsonaro (PSL), Pabllo tornava-se a artista mais ouvida no país durante o fim de semana daquelas eleições (Ker, 2018). No momento de sucesso de *Não para não*, seu segundo álbum, a cantora tinha o maior número de entradas no Top 50 das mais ouvidas do Spotify. Ademais o clipe de “Disk Me” ocupava, à época, o topo da lista de vídeos musicais do YouTube, com mais de 6 milhões de visualizações. No Spotify, a artista fechou o domingo de eleições daquele ano com cinco músicas no *ranking* das mais ouvidas: “Disk Me”, em 7º lugar; “Problema Seu”, em 19º; “Seu Crime”, em 29º; “Buzina”, em 37º; e “Não vou deitar”, em 50º. Na lista, dividiu o topo das colocações com outros três artistas: Anitta e a dupla Zé Neto e Cristiano, com quatro entradas cada (Ker, 2018).

Seguindo o etnomusicólogo John Blacking (1995, p. 235, tradução minha), defende-se aqui o argumento de que a música é uma forma de pensamento e ação no mundo⁴, podendo ser utilizada para construir identificações individuais, compartilhamentos éticos e estéticos entre pessoas ou, pelo contrário, construir dissidências. Conforme Thiago Soares (2021), a música apresenta a capacidade singular de tensionar e problematizar dimensões políticas. No caso, as práticas de escuta e fruição musicais constituem-se fenômenos complexos que lidam com “lazer, entretenimento, diversão e também posições de mundo, ideologias e engajamentos sociais” (Soares, 2021, p. 17). Para além disso, a música pode manifestar uma conexão estreita entre corpo e sexo, elaborando e discutindo códigos morais vigentes (Trotta, 2009) – vínculo que se torna ainda mais nítido em contexto de pânico morais.

04 No original: “‘music’ as a mode of thought and action”.

Isso significa dizer que Anitta, Ludmilla e Pabllo Vittar – para além de outros ídolos da música pop – gerenciam afetos diversos entre seus públicos, além de movimentar um profuso capital dentro da indústria da música. Nesse sentido, a despeito do histórico niilismo político da Escola de Frankfurt em relação à cultura enquanto indústria, pode-se reconhecer que o pop também se apresenta como um espaço de potências políticas em que o real e o simbólico se encontram em diálogo – sobretudo em um contexto de ofensiva antidemocrática.

Retomando Soares (2015, p. 22), “a música pop é uma articuladora de tessituras urbanas reais e ficcionais, a partir de vozes e corpos que se materializam entre redes de sociabilidades”. Seguindo o autor, reconhecem-se aqui novos modelos de *star system* em que as redes sociais digitais se apresentam como “ambientes performáticos” (Soares, 2023). Além disso, vale sublinhar que as fronteiras entre política, entretenimento e estrelato na cultura contemporânea encontram-se cada vez mais borradas. Como bem pontua P. David Marshall (2006), a ideia de autenticidade é muito mais marcada em celebridades da música que em artistas de cinema e televisão. Ou seja, como também lembram Vera França, Fernanda Medeiros e Maria Lúcia Almeida (2020), a relação entre famosos e públicos se dá mais diretamente no terreno das redes sociais digitais, prescindindo da mediação das grandes mídias. No contexto brasileiro, tal formato interativo fica nítido na repercussão envolvendo as manifestações das artistas mencionadas e os múltiplos agenciamentos que provocam.

As celebridades podem, assim, a partir de suas ações em rede, impulsionar movimentos de politização e/ou despolitização nas interações com seus públicos (Paixão-Rocha; Simões, 2021)⁵. Como explica Vera França (2014), celebridades nada mais são que indivíduos em destaque na cena pública que engendram conhecimento, reconhecimento e culto por parte de uma coletividade. Sem negligenciar a dimensão mercadológica e capitalista das celebridades, isso equivale a dizer que estas gozam de ampla visibilidade em um contexto social produzindo uma “afetação coletiva” (Paixão-Rocha; Simões, 2021).

No caso, uma celebridade também se caracteriza pela tênue separação entre o público e o privado: “[...] na medida em que o sujeito mantém ou ascende em visibilidade, ele o faz através do conhecimento e reconhecimento de suas ações; esse movimento pode ocorrer através dos *media* e/ou propulsionado pelo próprio célebre nos espaços onde seus celebradores os acessam” (Paixão-Rocha; Simões, 2021, p. 205). Observa-se, portanto, uma delimitação bastante opaca entre o eu privado e o eu público das celebridades, assim como de lideranças políticas a serem mencionadas neste artigo. Como argumentam Pedro Paixão-Rocha e Paula Simões (2021), essa fronteira pouco definida acaba por transfigurar situações que inicialmente seriam caracterizadas como privadas em públicas, tais como vida amorosa, afazeres cotidianos e posicionamentos políticos. Assim, a politização é um elemento que ultrapassa a política institucional, fluindo entre diferentes domínios políticos da sociedade (Wood; Flinders, 2014).

A fim de compreender os movimentos de politização das/os artistas e a cultura pop como arena de disputas simbólicas, foram coletadas notícias envolvendo os nomes de Anitta, Ludmilla e Pabllo e a ofensiva conservadora/reacionária presentificada no bolsonarismo. Portanto, os dados que serão aqui apresentados são resultado de dois tipos de operação: uma busca direcionada no Google Notícias pelos nomes das cantoras combinados a termos-chave como *Bolsonaro*, *bolsonarismo*, *extrema-direita* e *política*⁶, e uma busca com nomes de aliados e principais ministros da ala ideológica do governo à época. Em seguida, re-

05 No contexto das eleições de 2018, cantores sertanejos, esportistas e personalidades televisivas (com exceção das personalidades da Rede Globo) se posicionaram majoritariamente em apoio a Bolsonaro. Artistas e apresentadores da Rede Globo, bem como cantores de outros gêneros além do sertanejo (pop, funk, rap, MPB, axé, samba e pagode) estiveram, por outro lado, em proporção maior apoiando Haddad ou, pelo menos, aderindo à campanha do *#EleNão* (contra Bolsonaro) (França; Medeiros; Almeida, 2020).

06 No momento da consulta, ativou-se um filtro no mecanismo de busca considerando apenas os anos referentes ao recorte temporal da análise (2018-2023).

alizou-se uma análise discursiva de conteúdo (Cesarino, 2020) desses materiais guiada pelas controvérsias (Latour, 2012; Sá, 2014) envolvendo as artistas e ataques da extrema-direita bolsonarista. Nesse movimento, chegou-se a um *corpus* de aproximadamente cinquenta notícias apresentadas por diferentes veículos informativos – como *O Globo*, *a Folha de S.Paulo*, *o Estadão*, entre outros. Tal quantidade, entretanto, não teve intenção de amostragem em razão de a coleta dos materiais ter se guiado por termos específicos no momento das buscas. Partindo desse agrupamento, adotamos tais notícias como arquivos e pontos iniciais de identificação de controvérsias que ocorreram, em sua maior parte, no terreno das redes sociais digitais, sobretudo no X (antigo Twitter)⁷. Entre os principais assuntos, destacam-se ataques às artistas e produção de desinformação por parte de grupos bolsonaristas, posicionamento político das artistas (da isenção ao posicionamento explícito) e respostas das artistas a ataques em suas redes sociais digitais.

As notícias coletadas sobre a cantora Anitta em torno do assunto política seguem padrões que se modificam a cada ano considerado nesta análise. Entre as matérias publicadas no ano de 2018, destacam-se aquelas referentes ao seu posicionamento político nas eleições presidenciais – de uma inicial neutralidade à adesão à campanha *#EleNão* – e à cobrança de seus fãs por um posicionamento explícito por parte da cantora. A maioria das matérias publicadas em 2019 relembram as controvérsias envolvendo Anitta e as eleições do ano anterior. Em linhas gerais, as notícias de 2020 demonstram um posicionamento político mais veementemente contrário ao então presidente no contexto da pandemia. Em 2021, o número de notícias envolvendo política e a cantora aumentou substancialmente – quase todas elas narram embates com Bolsonaro e seus apoiadores em redes sociais. Por fim, as notícias de 2022 envolvem continuidade dessas discussões com o apoio explícito da cantora ao então candidato Lula. Destacam-se, em seguida, alguns trechos explicitando essa transição.

Em meio às eleições de 2018 e à cobrança de posicionamento político por parte de seus fãs, Anitta fez a seguinte declaração em suas redes sociais: “Não é porque eu sou uma artista e tenho uma vida pública que sou obrigada a dizer qual é meu voto e que eu devo receber ameaça e xingamento por eu não falar publicamente sobre isso” (Emiliana, 2018, [s.p.]). Somente em setembro daquele ano a cantora publicou um vídeo no qual afirmava não apoiar Jair Bolsonaro, aderindo ao movimento *#EleNão*: “Fui desafiada pela Daniela Mercury a apoiar o movimento *hashtag* “ele não”. Quero aproveitar essa oportunidade para deixar claro para vocês de uma vez por todas que eu não apoio o candidato Bolsonaro” (Negrisoli, 2018, [s.p.]).

No ano de 2021, sobretudo durante a pandemia de Covid-19, acirraram-se os conflitos entre a cantora, o ex-presidente e seus apoiadores. No mês de junho, Anitta postou a seguinte frase no X: “500 mil mortes é sobre FORA BOLSONARO sim! A favor da democracia, da economia, da saúde, da educação, do senso COLETIVO” (Anitta..., 2021, [s.p.]). No mês de novembro, Jair Bolsonaro debochou de uma live realizada no Instagram sobre aulas de educação política entre a cantora e a advogada e apresentadora Gabriela Priolli. Em resposta ao ex-presidente, Anitta publicou um vídeo em sua página da mesma plataforma dizendo: “Ao invés de estar preocupado com o que eu estou fazendo da minha vida, devia estar cuidando do país, não é mesmo?” e “Fiz mais que o senhor” (Moura, 2021, [s.p.])⁸.

No ano de 2022, os embates entre a cantora e a ala ideológica do governo se tornaram ainda mais frequentes. Em abril daquele ano, o então Ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles, na condição de candidato a deputado federal, fez a seguinte postagem em sua conta na plataforma X:

07 Daqui em diante, todas às menções à rede social serão feitas pelo nome atual, X.

08 A postagem original da cantora no Twitter pode ser verificada no seguinte link: <<https://twitter.com/AnittaCrave/status/1462934478301675525>>. Acesso em: 18 jan. 2024.



Figura 01: Captura de tela de postagem de Ricardo Salles criticando a cantora Anitta e em defesa de um Brasil conservador

Fonte: Salles/X (2022, on-line)⁹.

Trata-se de um vídeo de 45 segundos. Nele, Salles (2022, [s.p.]) inicia criticando o fato de a cantora vestir uma roupa com as cores da bandeira nacional, o que em sua visão estaria degradando “um importante símbolo da nossa nacionalidade, do nosso patriotismo”. Em seguida, deixa explícito que aquilo que considera como “danças esquisitas” e “letras imorais” não são compatíveis com o “verdadeiro valor da família” e dos “valores conservadores”, e finaliza o vídeo prescrevendo o que, para ele, de fato importa na cultura brasileira: “os valores do patriotismo” (Salles, 2022, [s.p.]). Diz ainda que “nós sabemos o que importa para a família brasileira, nós sabemos o que importa para os brasileiros de bem, os brasileiros que vestem com muito orgulho as bandeiras do verde e amarelo, a gente deixa o vermelho para ela” (Salles, 2022, [s.p.]). Entre as respostas de usuários da plataforma, destacam-se comentários em apoio a Salles e outros em apoio à cantora, por exemplo:

Ela não representa as mulheres brasileiras e muito menos as famílias. Parabéns futuro senador [sic] por São Paulo. Tenha uma ótima tarde. Nossa bandeira jamais será vermelha
E por falar em verdadeiros valores da família, já pagaste a pensão dos seus filhos? (Salles, 2022, [s.p.])¹⁰.

Em julho de 2022, já em contexto de ano eleitoral, Anitta foi explícita em relação ao seu voto:

Não sou petista e nunca fui. Mas este ano estou com Lula e quem quiser minha ajuda pra fazer ele bombar aqui na internet, tik tok, Twitter, instagram é só me pedir que estando ao meu alcance e não sendo contra a lei eleitoral eu farei (Leitão, 2022, [s.p.]).

Em meio à repercussão desse *post*, destaca-se aqui uma publicação do então candidato a deputado federal Nikolas Ferreira naquele mesmo dia:

⁰⁹ Disponível em: <[https://twitter.com/search?q=Anitta%20\(from%3Arsallesmma\)&src=typed_query](https://twitter.com/search?q=Anitta%20(from%3Arsallesmma)&src=typed_query)>. Acesso em: 24 jan. 2024.

¹⁰ Disponível em: <<https://twitter.com/rsallesmma/status/1517174141174091784>>. Acesso em: 24 jan. 2024.

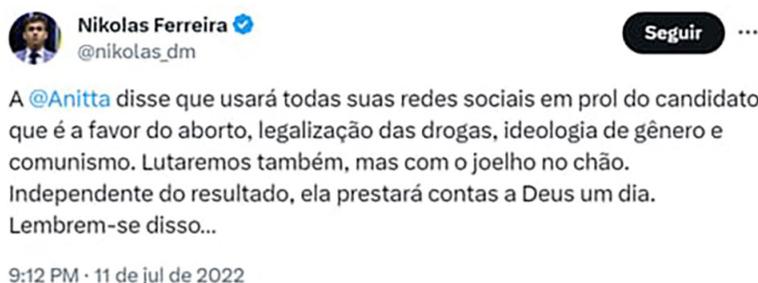


Figura 02: Captura de tela postagem de Nikolas Ferreira a respeito de Anitta

Fonte: Ferreira/X (2022, on-line)¹¹.

Com semelhante juízo de valor, chama-se aqui a atenção para um post do então secretário de Cultura Mário Frias um mês antes das eleições nacionais:



Figura 03: Captura de tela de postagem do então secretário de Cultura Mário Frias

Fonte: Frias/X (2022, [s.p.])¹².

Sobre a cantora Ludmilla, a quantidade de notícias encontradas deu-se em um número bastante inferior em relação a Anitta. No entanto, as temáticas envolvendo política seguem um padrão semelhante ao desta, considerando o recorte temporal da coleta. As notícias de 2018 referentes à Ludmilla tratam de sua ausência de posicionamento político nas eleições daquele ano e da cobrança de seus fãs nas redes sociais. Em uma das notícias, destaca-se uma fala de sua mãe, gravada em vídeo no Instagram, em defesa da cantora:

Gente, eu não queria entrar nessa onda de votação, de quem vai votar em quem, mas isso já tá me irritando. Quer dizer que a Ludmilla, a Anitta, como os demais artistas, são obrigados a dizer em quem vai votar? Gente, pelo amor de Deus! Se a Ludmilla comer cocô, a Anitta, e os demais, todo mundo vai comer? Se manquem! Parem com isso! Vão caçar o que fazer! Democracia! Parem de achar que Ludmilla e outros artistas precisam falar em quem vão votar, o voto é secreto ou vocês não sabem? (Mãe..., 2018, [s.p.]).

Tratando-se das mesmas temáticas envolvendo política, a partir de 2021, a artista se posicionou sobre temas envolvendo o governo federal, como o veto de Bolsonaro à distribuição gratuita de absorventes a mulheres de baixa renda. Em outubro daquele ano, a cantora postou a seguinte crítica em sua página do X:

¹¹ Disponível em: <https://twitter.com/nikolas_dm/status/1546648537273966597>. Acesso em: 21 fev. 2024.

¹² Disponível em: <<https://twitter.com/mfriasoficial/status/1571978812916912129>>. Acesso em: 21 fev. 2024.

É todo dia um 7x1 nesse governo. Tantas outras coisas pra se preocuparem, mas não, só querem f mais ainda a galera que já é sofrida e vulnerável. Imagina uma mulher não poder ir pra escola pq tá menstruada e não tem absorvente? Mas o leite condensado tá lá na mesa dele né (Carvalho, 2021, [s.p.]

Nos bastidores do Prêmio Multishow em outubro de 2022, Ludmilla foi questionada sobre os cantores sertanejos que estavam apoiando o presidente Bolsonaro para reeleição. Disse então à repórter, demonstrando explicitamente seu voto em Lula:

Acho que o sertanejo vive uma realidade completamente diferente. A gente que é do funk, da periferia, está mais chegado ao povo que está precisando de ajuda. O povo foi mais atingido do que a gente pela crise econômica. Eu acho que eles [sertanejos] vivem em outra realidade, e a gente está vivendo o que está acontecendo de fato. É “L” no segundo turno (Sertanejos..., 2022, [s.p.]

Em março de 2023, Mário Frias (PL) insinuou em seu perfil do X que Ludmilla teria recebido 5 milhões de reais através da Lei Rouanet. O ex-secretário de Cultura de Bolsonaro alegou que a verba seria destinada a um programa de TV que contaria a história da artista. Na postagem, o deputado compartilhou uma montagem da cantora abraçada ao presidente Lula, ao lado de uma suposta manchete de jornal sobre o apoio que a artista dera à campanha eleitoral do presidente eleito (Amorim, 2023).

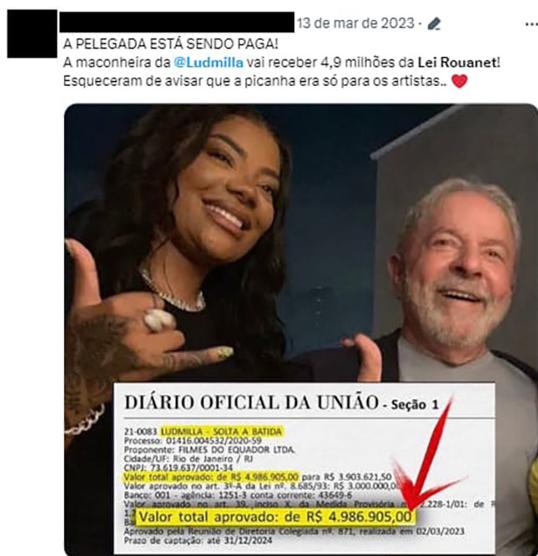


Figura 04: Captura de tela de usuário do X comentando a foto postada por Mário Frias

Fonte: Frias/X (2023, on-line)¹³.

Nessa mesma página do X, com resultados de postagens sob os termos de busca *Ludmilla + Lei Rouanet*, encontra-se comentários de apoiadores do ex-presidente que nos dão uma dimensão de quais valores sociais permanecem em disputa nesses embates – como o texto da imagem acima, referindo-se à cantora como “a maconheira da @Ludmilla”. Destaca-se aqui comentários de usuários: “Cantora Ludmilla que pode receber até 4 milhões da Lei Rouanet faz música se intitulando ‘sapatona que chupa xox**a’” (grifos meus); “[...] nosso dinheiro indo para artistas ricos, pra que eles subam num palco e ‘cantem’ apologia a tudo que é ilícito no país” (grifos meus)¹⁴.

¹³ Trata-se de uma foto postada por um usuário comum do X comentando a então postagem de Frias. A postagem oficial do deputado não se encontra mais nos arquivos de seu perfil oficial; foi retirada em junho daquele mesmo ano por determinação judicial. Disponível em: <<https://twitter.com/BrunoEnglerDM/status/1635409125281767424>>. Acesso: 21 fev. 2024.

¹⁴ Disponível em: <<https://twitter.com/BrunoEnglerDM/status/1635409125281767424>>. Acesso em: 24 jan. 2024.

Diferentemente das duas, por sua vez, Pablló Vittar se posicionava assertivamente, desde o ano de 2018, como contrária à candidatura de Jair Bolsonaro. Depois do resultado confirmando a eleição do então presidenciável do PSL em 28 de outubro de 2018, a artista postou uma foto de um arco-íris no Instagram e escreveu: “Eu resisto” (Dall’Orto, 2018, [s.p.]).

A maior parte das notícias referentes à cantora, mencionava inúmeras *fake news* que a envolviam e campanhas de grupos bolsonaristas em boicote a seus vídeos no YouTube. Naquele ano, entre os muitos boatos envolvendo a artista, noticiava-se que ela seria candidata à presidência, faria turnê por escolas, apresentaria um programa infantil na TV, engravidaria bailarina do Faustão, receberia 5 milhões de reais da Lei Rouanet, cantaria o hino de estreia na Copa e estamparia o novo rosto nas cédulas de 50 reais (Urbim, 2018). Grande parte dessas falsas narrativas circulavam em grupos de WhatsApp e em postagens de redes sociais feitas por pessoas comuns.

Também em outubro de 2018, eleitores de Bolsonaro organizaram um mutirão nas redes sociais para dar *deslike* no vídeo de “Disk Me”, então recém-lançado no YouTube. O intuito era passar a impressão de rejeição ao trabalho da artista drag queen. Em reação, outros internautas pediam a seus seguidores que curtissem o vídeo de Pablló. Assim, mesmo quando alguém entrava para descurtir o vídeo, o número de visualizações aumentava, ajudando a cantora a ficar entre as mais assistidas do YouTube.

Nos anos posteriores, sobretudo entre 2021 e 2022, as notícias envolvendo política e o nome de Pablló Vittar seguiam a mesma tendência daquelas a respeito de Anitta e Ludmilla: discussões em redes sociais com apoiadores de Bolsonaro e posicionamento explícito em apoio a Lula em 2022. Entre seus principais posicionamentos em 2021 destacam-se as seguintes falas da cantora em entrevista para o portal F5 da *Folha de S.Paulo* (Vittar *apud* Moreno, 2021, [s.p.]): “O que me deixa triste é o Bolsonaro no poder. O que me deixa com tesão... vacina no meu braço seria um tesão”. Questionada sobre artistas que preferiam não se posicionar politicamente, a cantora acreditava se tratar de pessoas que votaram no presidente: “Ai, mona, porque é conivente, porque apertou 17 bem gostoso. Não podemos olhar isso tudo e pensar que está tudo normal”. E emenda:

Não podemos todo dia ligar a TV e ver um monte de gente morrendo de um vírus que tem vacina. É o seu papel, como pessoa que está lá representando o país, comprar as vacinas, dar vacina, cuidar da população. E não debochar com escárnio igual ele [o presidente Jair Bolsonaro] faz. É revoltante. [...] E se você, que tem uma plataforma grande, é artista, está na novela, cantando, tem que botar a boca no trombone mesmo. Acho muito feio artistas que se privam disso e ainda se acham no direito de se incomodarem com cobrança. Isso é ridículo (Vittar *apud* Moreno, 2021, [s.p.]).

Tal ambivalência, hoje em dia, parece ter se tornado maior num mundo de comunicação em redes e consumo fragmentado. Assim, múltiplos sentidos são possíveis a partir de Anitta, Ludmilla e Pablló Vittar, de feministas, militantes LGBTQIAPN+ até adeptos do bolsonarismo – no campo da Comunicação, existe hoje um consenso maior de que o sentido não se captura de modo unidirecional.

Considerações finais

Em contexto de (re)emergência de fascismos e neofascismos, um momento decisivo é a guerra contra as artes e expressões culturais. Compreendendo esses movimentos como “forma [contra]revolucionária de vida” (De Marchi; Ourique, 2022) em lugar de simplesmente tomá-los como meros movimentos políticos, tem-se a compreensão de que essas forças buscam alterar o modo de subjetivação de indivíduos, tendo agência sobre a circulação do desejo, da linguagem e do corpo (De Marchi; Ourique, 2022). No entanto, como bem pondera Nancy Fraser (2019), uma política progressista de reconhecimento e representatividade valorizando a diversidade – inclusive cultural – não sobreleva por si só uma política econômica regressiva,

pró-negócios. Vale lembrar que, no contexto em que refutava declarar-se publicamente contrária a Bolsonaro em 2018, Anitta foi acusada por seguidores de oportunista, pois monetizava pautas feministas e LGBTQIAPN+, mas não as defendia quando não existia lucro financeiro (Paixão-Rocha; Simões, 2021, p. 213).

Portanto, o argumento que aqui se coloca é o de que as celebridades mencionadas se apresentam como contrapontos políticos a discursos e poderes que buscam um outro mundo restaurador da tradição. Mais que “cortina de fumaça”, discursos de ordem reacionária e antagônicos às celebridades pop referenciadas aparentam ter sido um de muitos outros sintomas de uma crise social em que a esfera privada reacionária se sobrepõe ao espaço político. Por detrás dos discursos comuns a líderes de extrema-direita como Trump, Bolsonaro e aliados, perpetua-se internacionalmente uma crise estrutural da sociedade capitalista, que, em muitos aspectos, demonstra-se menos propensa às diversas adaptações do capitalismo liberal frente às diversas corporeidades estigmatizadas ao longo da história (Fraser, 2019). Em síntese, mais que conspiração, uma onda de reinvenção das tradições e da prescrição de uma nova moral privada a partir do Estado e de estruturas que dele derivam pode ser identificada nos rastros de controvérsias envolvendo políticos de extrema-direita e artistas pop como Anitta, Ludmilla e Pabllo Vittar. Tais narrativas, quando não atingem diretamente celebridades da música, atingem indiretamente segmentos e populações que ganharam, a partir de lutas por reconhecimento, significativos espaços de representação, inclusive no caldo do *mainstream*.

Referências

A TEORIA DOS TRÊS pilares: Anitta, Ludmilla e Pablló Vittar. **Conexão Política**, 6 nov. 2018. Disponível em: <<https://www.conexaopolitica.com.br/ultimas/a-teoria-dos-tres-pilares-anitta-ludmilla-e-pablló-vittar/>>. Acesso em: 17 jul. 2023.

AMORIM, R. Cantora Ludmilla consegue liminar contra Mário Frias por fake News. **CNN Brasil**, on-line, 8 jun. 2023. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/cantora-ludmilla-consegue-liminar-contramario-frias-por-fake-news/>>. Acesso em: 22 jan. 2024.

ANITTA REBATE FALAS de Bolsonaro: “Sabendo mais da minha vida do que da crise”. **Jovem Pan News**, on-line, 28 out. 2021. Disponível em: <<https://jovempan.com.br/entretenimento/famosos/anitta-rebate-falas-de-bolsonaro-sabendo-mais-da-minha-vida-do-que-da-crise.html>>. Acesso em: 27 ago. 2023.

ASSIS, M. O sucesso empresarial de Anitta que vai muito além da música. **Portal IG**, on-line, 8 abr. 2023. Disponível em: <<https://gente.ig.com.br/colunas/marcelo-de-assis/2023-04-08/o-sucesso-empresarial-de-anitta.html>>. Acesso em: 14 ago. 2023.

BHABHA, H. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BLACKING, J. **Music, Culture and Experience**. Chicago: Chicago University Press, 1995.

CARVALHO, O. **A Nova Era e a Revolução Cultural**. São Paulo: Stella Caymmi, 1994.

CARVALHO, R. Ludmilla detona veto de Bolsonaro contra distribuição de absorventes. **Observatório G**, on-line, 7 out. 2021. Disponível em: <<https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/famosos/ludmilla-detona-veto-de-bolsonaro-contradistribuicao-de-absorventes>>. Acesso em: 27 ago. 2023.

CESARINO, L. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. **Internet & Sociedade**, on-line, v. 1, p. 92-120, 2020.

_____. **O mundo do avesso: verdade e política na era digital**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

CODATO, A.; BOLOGNESI, B.; ROEDER, A. M. A nova direita brasileira: uma análise da dinâmica partidária e eleitoral do campo conservador. In: VELASCO E CRUZ, S.; KAYSEL, A.; CODAS, G. (Orgs.). **Direita volver!**: o retorno da direita e o ciclo político. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015. p. 115-144.

DALL’ORTO, S. C. Pablló Vittar reage à eleição de Jair Bolsonaro: “Eu resisto”. **Metrópoles**, on-line, 28 out. 2018. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/celebridades/pablló-vittar-reage-a-eleicao-de-jair-bolsonaro-eu-resisto>>. Acesso em: 27 ago. 2023.

DE MARCHI, L.; OURIQUE, J. Cartografando a[r]tivismos em tempos de [re]existência: arte e política em tempos sombrios. **Galáxia**, São Paulo [on-line], v. 47, p. 1-9, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/gal/a/qVfTfps7YHSHFK5T9jRkTgg/?lang=pt>>. Acesso em: 1 set. 2023.

EMILIANA, C. Fãs se dividem sobre posicionamento de artistas em relação a Bolsonaro. **Portal UAI**, on-line, 20 set. 2018. Disponível em: <<https://www.uai.com.br/app/noticia/e-mais/2018/09/20/noticia-e-mais,234338/fas-se-dividem-sobre-posicionamento-de-artistas-em-relacao-a-bolsonaro.shtml>>. Acesso em: 27 ago. 2013.

FELINTO, E. “Olavo tem razão”: Olavo de Carvalho, esoterismo e os mitos conspiratórios do imaginário político neoconservador. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 29., 2020, Campo Grande. **Anais eletrônicos...** Campinas: Galoá, 2020. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2020/trabalhos/olavo-tem-razao-olavo-de-carvalho-esoterismo-e-os-mitos-conspiratorios-do-imagin?lang=pt-br>>. Acesso em: 1 set. 2019.

FERREIRA, M. Anitta e Ludmilla completam dez anos de carreira com visibilidade e poder além do circuito do funk. **Portal G1**, 13 jul. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/blog/mauro-ferreira/post/2022/07/13/anitta-e-ludmilla-completam-dez-anos-de-carreira-com-visibilidade-e-poder-alem-do-circuito-do-funk.ghtml>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

FRANÇA, V. Celebidades: identificação, idealização ou consumo?. In: FRANÇA, V.; FILHO, J. F.; LANA, L.; SIMÕES, P. G. (Orgs.). **Celebidades no século XXI: transformação no estatuto da fama**. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 15-36.

_____.; MEDEIROS, F.; ALMEIDA, M. L. A. As celebridades nas eleições 2018: posicionamentos e ênfases discursivas. In: PRADO, D.; TAVARES, F.; TAVARES, M. (Orgs.). **Mídia, tempo e interações sociais**. 1. ed. v. 1. Belo Horizonte: Selo PPGCOM UFMG, 2020. p. 239-260.

FRASER, N. **O velho está morrendo e o novo não pode nascer**. Tradução de Gabriel Landi Fazzio. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

FREITAS, S. S.; TARGINO, J.; GRANATO, L. A política cultural e o governo Bolsonaro. **Brasília: Journal for Brazilian Studies**, Londres, v. 10, n. 1, p. 219-239, 2021. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/231672>>. Acesso em: 1 set. 2019.

HALL, S. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Organização de Liv Sovik. Tradução de Adelaide La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HUNTER, J. D. **Culture Wars: the Struggle to Define America**. Nova York: Basic Books, 1991.

KELLNER, D. **A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru: EDUSC, 2001.

KER, J. Pabllo Vittar foi a artista mais ouvida no Brasil durante as eleições. **Revista Híbrida**, on-line, 8 out. 2018. Disponível em: <<https://revistahibrida.com.br/musica/pabllo-vittar-foi-a-artista-mais-ouvida-no-brasil-durante-as-eleicoes/>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

LATOURETTE, B. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede**. Tradução de Gilson Cesar Cardoso de Sousa. Salvador: UFBA, 2012.

LEITÃO, M. A prova de que Bolsonaro sentiu o peso do apoio de Anitta a Lula. **Veja**, on-line, 19 jul. 2022. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/coluna/matheus-leitao/a-prova-de-que-bolsonaro-sentiu-o-peso-do-apoio-de-anitta-a-lula>>. Acesso em: 27 ago. 2023.

LUDMILLA SE TORNA 1ª mulher negra latina com 1 bilhão de streams no Spotify. **UOL Notícias**, on-line, 2 set. 2020. Disponível em: <<https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2020/09/02/ludmilla-se-torna-primeira-cantora-negra-latina-com-1-bilhao-de-streams.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

LYNCH, C.; CASSIMIRO, P. H. **O populismo reacionário**: ascensão e legado do bolsonarismo. São Paulo: Editora Contracorrente, 2022.

MÃE DE LUDMILLA desabafa sobre posicionamento político da cantora. **Veja São Paulo**, on-line, 21 set. 2018. Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/coluna/pop/mae-de-ludmilla-desabafa-sobre-posicionamento-politico-da-cantora>>. Acesso em: 27 ago. 2023.

MAHL, D.; SCHÄFER, M.; ZENG, J. Conspiracy Theories in Online Environments: an Interdisciplinary Literature Review and Agenda for Future Research. **New Media & Society**, on-line, p. 1-21, 2022. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/14614448221075759>>. Acesso em: 1 set. 2013.

MARSHALL, P. D. **Celebrity and Power**: Fame in Contemporary Culture. Minneapolis; Londres: University of Minnesota Press, 2006.

MEIRELES, M. Guerras culturais se acirram no Brasil, e quem vence é a direita de Bolsonaro. *Folha de S.Paulo*, on-line, 29 out. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/10/guerras-culturais-se-acirram-no-brasil-e-quem-vence-e-a-direita-de-bolsonaro.shtml>>. Acesso em: 22 jan. 2024.

_____. Bolsonaro importa dos EUA teoria conspiratória sobre marxismo cultural. *Folha de S.Paulo*, on-line, 13 jan. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/01/bolsonarismo-importa-dos-eua-teoria-conspiratoria-sobre-marxismo-cultural.shtml>>. Acesso em: 28 ago. 2023.

MINNICINO, M. A nova idade das trevas: a Escola de Frankfurt e o “politicamente correto”. **Políticas Culturais em Revista**, Salvador, v. 15, n. 1, p. 219-268. jan./jun. 2022. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/pculturais/article/download/48455/27343>>. Acesso em: 1 set. 2023.

MORENO, V. Pabllo Vittar lança álbum, critica Bolsonaro e diz estar com tesão em vacina. **F5**, on-line, 24 jun. 2021. Disponível em: <<https://f5.folha.uol.com.br/musica/2021/06/pabllo-vittar-lanca-album-critica-bolsonaro-e-diz-estar-com-tesao-em-vacina.shtml>>. Acesso em: 18 jan. 2024.

MOURA, L. M. Anitta rebate comentário de Bolsonaro sobre educação política: “Fiz mais que o senhor”. **Correio Brasiliense**, on-line, 23 nov. 2021. Disponível em: <<https://www.correiobrasiliense.com.br/diversao-e-arte/2021/11/4965201-anitta-rebate-comentario-de-bolsonaro-sobre-educacao-politica-fiz-mais-que-o-senhor.html>>. Acesso em: 27 ago. 2023.

NEGRISOLI, L. Após polêmica, Anitta entra na campanha #elenão: “a favor da democracia”. **Estado de Minas**, on-line, 23 set. 2018. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/09/23/interna_

politica,991102/apos-polemica-anitta-entra-na-campanha-elenao-a-favor-da-democracia.shtml>. Acesso em: 27 ago. 2023.

NOBRE, M. *Limites da democracia: de junho de 2013 ao governo Bolsonaro*. São Paulo: Todavia, 2022.

OLIVEIRA, O. B.; ENNE, A. L.; CASTRO, F. L. Representações identitárias em disputa em um mundo em transformação. **Novos Olhares: Revista de Estudos Sobre Práticas de Recepção a Produtos Midiáticos**, São Paulo, v. 8, p. 47-60, 2019.

ORTELLADO, P.; SILVA, D. M. Apresentação: as disputas políticas no campo da cultura. **Políticas Culturais em Revista**, Salvador, v. 15, n. 1, p. 8-21. jan./jun. 2022. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/pculturais/article/download/48455/27343>>. Acesso em: 1 set. 2023.

PAIXÃO-ROCHA, P.; SIMÕES, P. G. A celebridade é política? Movimentos de politização e despolitização entre Anitta e seus públicos. **Revista Eco-Pós**, on-line, v. 24, n. 2, p. 201-225, 2021. Disponível em: <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27702>. Acesso em: 1 set. 2023.

PASIN, L. Por que 2022 foi o melhor ano da carreira de Ludmilla?. **Portal UOL**, on-line, 30 dez. 2022. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/splash/colunas/lucas-pasin/2022/12/30/por-que-2022-foi-o-melhor-ano-da-carreira-de-ludmilla.htm>>. Acesso em: 15 ago. 2023.

REICH, W. *Psicologia de massas do fascismo*. Tradução de Maria da Graça M. Macedo. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ROCHA, J. C. C. **Guerra cultural e retórica do ódio**: crônicas de um Brasil pós-político. Goiânia: Caminhos, 2021.

SÁ, S. P. Contribuições da Teoria Ator-Rede para a ecologia midiática da música. **Contemporanea: Revista de Comunicação e Cultura**, Salvador, v. 12, p. 537-555, 2014.

SAFATLE, V. Violências e libido: fascismo, crise psíquica e contrarrevolução molecular. **Estilhaço**, on-line, 2023. Disponível em: <<https://www.xn--estilhao-y0a.com.br/violenciaselibido>>. Acesso em: fev. 2025.

SALDAÑA, P. Vélez exalta igreja e família e diz que MEC vai combater marxismo cultural. *Folha de S.Paulo*, on-line, 2 jan. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/01/velez-exalta-igreja-e-familia-e-diz-que-mec-vai-combater-marxismo-cultural.shtml>>. Acesso em: fev. 2025.

SERTANEJOS FICAM REVOLTADOS com Ludmilla após cantora criticar colegas que apoiam Bolsonaro. **Correio 24h**, on-line, 25 out. 2022. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/em-alta/sertanejos-ficam-revoltados-com-ludmilla-apos-cantora-criticar-colegas-que-apoiam-bolsonaro-1022>>. Acesso em: 27 ago. 2023.

SOARES, T. Percursos para estudos sobre música pop. In: SÁ, S. P.; CARREIRO, R.; FERRARAZ, R. (Orgs.). **Cultura Pop**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2015. p. 19-33. Disponível em: <https://www.academia.edu/42889190/Percursos_para_estudos_sobre_m%C3%BAsica_pop>. Acesso em: 1 set. 2023.

_____. **Modos de experienciar a música pop em Cuba**. Recife: Editora UFPE, 2021.

_____. Performance e capital especulativo na música pop. **Logos**, on-line, v. 29, n. 1, mar. 2023. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/70919>>. Acesso em: 1 set. 2023.

TATAGIBA, L.; TRINDADE, T.; TEIXEIRA, A. C. C. Protestos a direita no Brasil (2007-2015). In: VELASCO E CRUZ, S.; KAYSEL, A.; CODAS, G. (Orgs.). **Direita volver!**: O retorno da direita e o ciclo político. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.

TOLENTINO, T. Ludmilla atinge marco histórico de 15 milhões de ouvintes mensais no Spotify. **In Magazine**, on-line, 16 jul. 2023. Disponível em: <<https://inmagazine.ig.com.br/musica/categoria-musica-ludmilla-atinge-marco-historico-de-15-milhoes-de-ouvintes-mensais-no-spotify/>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

TROTTA, F. Música popular, moral e sexualidade: reflexões sobre o forró contemporâneo. **Revista Contracampo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 49, p. 132-146, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17184/10822>>. Acesso em: 22 ago. 2021.

URBIM, E. Pablló Vittar, um ímã de *fake news* na cultura pop. *O Globo*, on-line, 1 abr. 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/pablló-vittar-um-ima-de-fake-news-na-cultura-pop-22544332>>. Acesso em: 22 jan. 2024.

WOOD, M.; FLINDERS, M. Rethinking Depoliticisation: Beyond the Governmental. **Policy & Politics**, on-line, v. 42, n. 2, p. 151-170, abr. 2014. Disponível em: <<https://academic.oup.com/policy-press-scholarship-online/book/23651/chapter-abstract/184839221?redirectedFrom=fulltext>>. Acesso em: 1 set. 2023.

Informações sobre o artigo

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese

Não se aplica.

Fontes de financiamento

Não se aplica.

Apresentação anterior

Não se aplica.

Agradecimentos/Contribuições adicionais

Não se aplica.

Dados sobre Cuidados Éticos e Integridade Científica

A pesquisa que resultou neste artigo teve financiamento?

Não.

Financiadores influenciaram em alguma etapa ou resultado da pesquisa?

Não se aplica.

Liste os financiadores da pesquisa:

Sem financiamento externo.

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com os financiadores da pesquisa?

Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Sem financiamento externo.

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização mencionada pelo artigo?

Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não há vínculos desse tipo.

Autora, autor, autores têm algum vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização que pode ser afetada direta ou indiretamente pelo artigo?

Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não há vínculos desse tipo.

Interferências políticas ou econômicas produziram efeitos indesejados ou inesperados à pesquisa, alterando ou comprometendo os resultados do estudo?

Não.

Que interferências foram detectadas?

Nenhum efeito inesperado do tipo foi detectado.

Mencione outros eventuais conflitos de interesse no desenvolvimento da pesquisa ou produção do artigo:

Não há conflitos de interesse.

A pesquisa que originou este artigo foi realizada com seres humanos?

Não.

Entrevistas, grupos focais, aplicação de questionários e experimentações envolvendo seres humanos tiveram o conhecimento e a concordância dos participantes da pesquisa?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

Participantes da pesquisa assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

A pesquisa tramitou em Comitê de Ética em Pesquisa?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

O Comitê de Ética em Pesquisa aprovou a coleta dos dados?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

Mencione outros cuidados éticos adotados na realização da pesquisa e na produção do artigo:

Anonimização de participantes que não são figuras públicas em publicações do X.